

NOTA DE ABERTURA

O volume XIV da «Revista da Faculdade de Letras. História», referente a 1997, mercê de circunstâncias que ultrapassaram a vontade do Coordenador e dos numerosos Colaboradores, vem a público com um longo atraso contrastante com a regularidade a que estávamos habituados, facto que somos os primeiros a lamentar. É certo que, não raro, ocorrem situações análogas a esta na vida de revistas científicas e culturais, realidade que, se não nos conforta, estimulará, por certo, a compreensão dos habituais leitores, que, nesta indesejada demora encontrarão um renovado motivo para uma leitura atenta. Em jeito de compensação, podemos, no entanto, anunciar que o vol. XV, relativo a 1998, está, há tempos, na tipografia.

Após esta sumária explicação, desejamos evocar alguns acontecimentos históricos pluricentenários, cuja importância permanece viva na História de Portugal, tendo, por isso, sido condignamente comemoradas as suas efemérides, pela oportunidade que ofereciam de se aprofundar, numa perspectiva de futuro, o conhecimento das épocas em que os mesmos ocorreram.

Seleccionámos dois: o Tratado de Alcanices, de 1297, e a partida de Vasco da Gama para a Índia, donde regressou no ano seguinte, consciente de ter consumado o projecto que, durante muitas décadas, dinamizara o esforço hercúleo dos portugueses, oriundo da sua indómita vontade.

O Tratado de Alcanices, além de assinalar o termo da guerra com Castela, deslocou para oriente alguns segmentos da fronteira com o reino vizinho e integrou na jurisdição da Coroa portuguesa territórios até então castelhanos, ficando, praticamente, definidas, desde então, as fronteiras de Portugal. A efeméride foi solenemente comemorada por diversas instituições, inclusive, a nível internacional, merecendo especial relevo as IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, subordinadas ao tema, «As relações de fronteira no século de Alcanices», realizadas no Porto, de 27 a 29 de Novembro de 1297, promovidas pelas Sociedades Portuguesa e Espanhola de Estudos Medievais, com o patrocínio de várias instituições oficiais dos dois Países, de entre as quais, por razões óbvias, nos permitimos mencionar, apenas, a Faculdade de Letras do Porto. Do que foram estas IV Jornadas no plano científico darão adequado testemunho os dois volumes das suas Actas, que integrarão o próximo número desta revista.

Por sua vez, a partida de Vasco da Gama para a Índia não se pode separar do êxito do regresso e teve condigna celebração na Exposição de Lisboa 1998, centrada na temática dos Oceanos. Mas para além de todas estas manifestações científicas e culturais, importa salientar a importância deste facto no plano da aproximação humana e do diálogo cultural entre o Ocidente e o Oriente, que têm de se considerar francamente positivos, não obstante alguns pontos menos claros, detectáveis em momentos concretos deste longo percurso.

Apesar de este volume da nossa Revista, referente a 1997, vir a público com um significativo atraso, quisemos ilustrar a capa com a reprodução da nau S. Gabriel, identificada, no Livro das naus, como sendo a de Vasco da Gama.

Às vezes, a História proporciona situações contraditórias, como acontece com as fronteiras, que muitas vezes estiveram na base de fortes tensões políticas, quando não de conflitos armados. Assim, enquanto em 1997 evocamos o VII centenário da definição da fronteira luso-castelhana, nesse mesmo ano, embora sem a dimensão dos estudos sobre «As relações de fronteira no século de Alcanices», na

sequência do tratado de Shengen, que estabelece o desaparecimento das fronteiras entre os Estados integrados na Comunidade Europeia, também entre nós se realizou uma primeira mesa-redonda, promovida pelo Centro de Estudos Norte de Portugal Aquitânia (CENPA), subordinada ao título «Pôr a fronteira aqui, no meio», com o objectivo de preservar a memória da fronteira.

As fronteiras políticas europeias estão desactivadas e continuarão a esbater-se. Apesar disso e precisamente por isso, os historiadores não podem consentir que se perca a memória da fronteira pelo que ela representou, ao longo dos tempos, na vida das nações e das suas instituições, nos planos diplomático, militar, económico, social, cultural, etc., de que, além de abundantes provas documentais, subsistem as tradições orais de muitos protagonistas da vida de fronteira, que desaparecerão com eles, se não forem recolhidas sem demora. As Actas desta mesa-redonda serão publicadas oportunamente. Entretanto, na parte final da secção «Estudos de História» publicamos quatro desses contributos, que ficarão, desde já, como chamada de atenção para esta nova área de estudo.

À semelhança do que tinha acontecido no ano anterior, também 1997 ficou assinalado pelo súbito desaparecimento de mais um dos nossos colaboradores, de que noutra lugar fazemos sentida evocação.

J. Marques

